



## UM NATAL QUENTE POR SERTÕES E ROÇAS



### Olhar o Sul

Manuel Ennes Ferreira

mfereira@iseg.utl.pt

Estava eu a ler um livro saído em outubro, “Exploradores Portugueses e Reis Africanos”, da Esfera dos Livros e da autoria de Frederico Delgado Rosa e Filipe Verde quando, no capítulo dedicado a Roberto Ivens e Hermenegildo Capelo, os autores destacam o humor que era característico de Roberto Ivens. Bingo, confirmou a minha impressão sobre este explorador português. Sou um amador deste período da história colonial portuguesa. Na minha juventude lera “De Angola à Contracosta”, de Ivens e Capelo. Há uns anos voltei à carga e resolvi ler uma carta original de Roberto Ivens que está na minha posse. Datada de 22 de maio de 1884 e escrita no acampamento em Huíla antes de saírem para o Humbe, a

minha curiosidade era apenas verificar como encaixar o que era dito nesta carta com o que consta no diário transposto em livro. E o que me chamou a atenção foi o humor das suas linhas. Logo no início diz, incluído o que está entre parêntesis: “Cá estou outra vez feito geographo, naturalista, geólogo, entomólogo, carreiro e achegas, e tudo isto para grimpar (em calão quer dizer fazer-se pimpão) aos pináculos da glória. Oh! glória terrena que tanto custas a ganhar. Com a do Céu até as velhas contam!! E não vão por isso a África.” Depois de uma descrição do ambiente do acampamento à noite (diz ele que são dez horas) abre novo parêntesis e escreve “este bocadinho parece de Herculano!” e remata “ressona-se pelo diapasão em Ursa Maior ou ronco de guerreiros!”. Mas o melhor estava para vir tendo em conta a missão exaltada destes exploradores em África: “Amanhã vou jantar com os padres missionários (com os padres, ouvis-te) que jantam ao meio-dia e depois de amanhã sigo para o Humbe, capitaneando a cavalo num boi (num boi,

ouvis-te) esta quadrilha, que mais parece de ladrões que outra couza. Estou sempre a repetir ouvis-te porque em relação ao meridiano estou à tua direita, e tu quando do lado esquerdo da pessoa não ouves nada.” E a carta continua. Afinal não estava enganado quanto ao seu sentido de humor.

Nesta época de prendas, como já se percebeu, aconselho este livro e ao qual junto “As Roças de São Tomé e Príncipe”, de Duarte Pape e Rodrigo Rebelo de Andrade, livro lindíssimo e que recupera a memória arquitetónica colonial. No mesmo sentido vá ao CCB ver a exposição “África — Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974)”. Para um público mais restrito, “A Governação das Sociedades Anónimas nos Sistemas Jurídicos Lusófonos”, de Paulo Câmara e outros (Edições Almedina e Governance Lab) é um trabalho pioneiro que pretende lançar as bases para uma investigação comparada nos países lusófonos naquela temática. À pergunta até que ponto a comunhão linguística determina uma convergência de soluções relacionadas com o governo de sociedades anónimas, a resposta é sim, mas também. Realista e pragmático.

Feliz Natal e Bom Ano Novo!

**Neste Natal aventure-se  
por África acompanhando  
os exploradores e a obra  
arquitetónica ali deixada**

Professor do ISEG